



EDITORIAL

POR: PE. NORBERTO BRUM,
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

A vida, toda a vida, é feita de opções: a cada momento somos chamados a fazer escolhas, a tomar decisões que implicam todo o nosso ser, estar e agir, que, sem margem para dúvidas, influenciam toda a nossa existência e, por nós, intervêm na história da comunidade humana: o que somos e como somos não é de somenos importância para os outros e para o mundo!

Cada opção, escolha ou decisão acarreta exigências, compromissos e uma disponibilidade e liberdade interiores, pois só em total liberdade, consciência e responsabilidade, podemos assumir seja o que for e decidirmo-nos por um “sim” ou por um “não”, por avançar ou permanecer, e porque, como diz a sabedoria popular, “meias só para as pernas”, e a espargata é algo de perigoso e só para alguns mais habilitados na arte. Não podemos ficar pela corda bamba, ao sabor dos ventos que, ora favoráveis, e vira para aqui, ora desfavoráveis, e vira para ali: “ou sim ou sopas”. Não podemos avançar e atirar-nos de cabeça ao ritmo e sabor de impulsos momentâneos, baseados em fervores de pouca dura ou simples “calores” que, por mais espirituais que sejam, depressa arrefecem. Ah, e muito menos por conveniências.

Ser discípulo do Mestre da Galileia é uma das escolhas e opções que nos é dado experimentar viver e fazer. E não é das mais fáceis! Fácil é dizer-se ser, como se isso fosse uma mera questão de registo ou de foto em ponto grande devidamente emoldurada e pendurada na sala! Fácil é cumprir normas e preceitos como quem “pica cartão” ou assina um livro de ponto! Fácil é cumprir tradições como se de um cartaz turístico se tratasse. Fácil é deixar as coisas rolarem ao sabor de não sabermos bem o quê e deixar que cada coisa, cada acontecimento e exigência se “auto-resolvam”. Mais fácil ainda é ficar do lado de cá da margem na crítica e coscuvilhice mordazes, num bater de línguas, tricotando gorros que nada agasalham, apenas gastam lã, num apontar de dedo a quem, por entre fragilidades, avanços e recuos, dá tudo de si para ser fiel.

Ser discípulo de Jesus é, antes de tudo, saber-se digno do Mestre e acreditar que é possível sê-lo. E não há dois amores (isso só na canção do Marco Paulo!). O Mestre é desconcertante quando nos afirma que “quem ama o pai ou a mãe, o filho ou a filha” mais do que a Ele, não é digno Dele. E em que ficamos? Ficamos num mesmo e único amor! Se Jesus é o topo do meu amor e da minha prioridade, a consequência lógica só pode ser um amor verdadeiro, total e totalizante não apenas ao pai, à mãe e demais familiares, mas a todos sem qualquer tipo de excepção ou apêndice.

Ser discípulo de Jesus exige um amor pleno, desinteressado, dignificante e integrador, capaz de assumir a vida como uma cruz, uma cruz que só o é porque salva, liberta, cura, sara feridas, porque é puramente dom!

Só quem ama é capaz de morrer! E a cruz tem duas hastes: uma horizontal e outra vertical. A vertical aponta-nos o Céu: amar a Deus. A horizontal aponta-nos os outros: amar os irmãos. Se retirarmos uma delas não há cruz. Está clara a lógica do amor? Um e mesmo amor!

Só é discípulo quem se dispõe e predispõe a gastar a vida por uma lógica diferente, porque diferente das humanas letras é a Palavra, quem sabe ir morrendo para que outros tenham vida, quem sabe, como o sal, dissolver-se e desaparecer para que as águas fiquem temperadas.

Há escolhas difíceis! Esta é uma delas, porque decidir-se por Deus é decidir-se pelo Homem, pela Vida e pelo Mundo! Ser ou não ser não é a questão: é a possibilidade e só salta para este barco quem quer remar.

afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra

PALAVRA COM VIDA

XIII DOMINGO DO TEMPO COMUM

Ano A

1ª Leitura

2 Reis 4, 8-11.14-16a

«Este é um santo homem de Deus: poderá cá ficar»

2ª Leitura

Romanos 6, 3-4.8-11

«Sepultados com Cristo pelo Baptismo, vivamos uma vida nova»

Evangelho

São Mateus 10, 37-42

«Quem não toma a sua cruz não é digno de Mim. Quem vos recebe a Mim recebe»

Nas leituras deste 13º Domingo do Tempo Comum, cruzam-se vários temas. No geral, os três textos que nos são propostos apresentam uma reflexão sobre alguns aspectos do discipulado. Fundamentalmente, diz-se quem é o discípulo (é todo aquele que, pelo baptismo, se identifica com Jesus, faz de Jesus a sua referência e O segue) e define-se a missão do discípulo: tornar presente na história e no tempo o projecto de salvação que Deus tem para os Homens.

O Evangelho é uma catequese sobre o discipulado, com vários passos.



Num primeiro passo, define o caminho do discípulo: o discípulo tem de ser capaz de fazer de Jesus a sua opção fundamental e seguir o seu mestre no caminho do amor e da entrega da vida. Num segundo passo, sugere que toda a comunidade é chamada a dar testemunho da Boa Nova de Jesus. No terceiro passo, promete uma recompensa àqueles que acolherem, com generosidade e amor, os missionários do “Reino”.

Jesus não é um demagogo que faz promessas fáceis e cuja preocupação é juntar adeptos ou atrair multidões a qualquer preço. Ele veio ao nosso encontro com uma proposta de salvação e de vida plena; no entanto, essa proposta implica uma adesão séria, exigente, radical, sem “paninhos quentes” ou “meias tintas”. O caminho que Jesus propõe não é um caminho de “massas”, mas um caminho de “discípulos”: implica uma adesão incondicional ao “Reino”, à sua dinâmica, à sua lógica; e isso não é para todos, mas apenas para os discípulos que fazem, séria e conscientemente, essa opção.

Na primeira leitura mostra-se como todos podem colaborar na realização do projecto salvador de Deus. De uma forma directa, como Eliseu, ou de uma forma indirecta, a mulher sunamita, todos têm um papel a desempenhar para que Deus se torne presente no mundo e interpele os homens.

A segunda leitura recorda que o cristão é alguém que, pelo Baptismo, se identificou com Jesus. A partir daí, o cristão deve seguir Jesus no caminho do amor e do dom da vida e renunciar definitivamente ao pecado.

SABIAS QUE...



... se assinalou, no passado dia 22 de Junho, o primeiro dia Nacional da Liberdade Religiosa e do Diálogo Inter-Religioso em Portugal?

Instituído, em Junho de 2019, pela Assembleia da República Portuguesa, mais especificamente por meio do Projecto de Resolução 2193/XIII, com este dia pretendeu-se “assinalar a importância fundamental” dos valores e práticas decorrentes da liberdade religiosa e do diálogo inter-religioso em “contribuir para uma consciência mais viva de toda a sociedade sobre o lugar central que esses valores e essas práticas ocupam”

numa “sociedade democrática e tolerante”.

Enquanto cidadãos de um país dotado de um regime democrático no qual a liberdade é um valor firmado constitucionalmente e no qual se assiste a uma convivência saudável entre diferentes confissões religiosas, poderá parecer de menor importância a celebração de um dia dedicado à liberdade religiosa e ao diálogo inter-religioso. Contudo, e num olhar global, verificamos, por um lado, inúmeras situações em que a religião, ou o uso que dela fazem, se assume como a razão para vários conflitos bé-

licos (conflito entre Israel e Palestina, instabilidade em todo o médio oriente decorrente, ainda, da actuação do Estado Islâmico, entre outros), e, por outro, à continuação de perseguição, no mundo, de muitos homens e mulheres apenas por ousarem professar a sua fé.

A título de exemplo, no ano de 2019, segundo a organização não governamental *Open Door International*, cerca de 260 milhões de cristãos foram “severamente perseguidos” no mundo. Foi assim, e na sequência da ideia para a realização deste dia, que surgiu, pela primeira vez, no II Congresso do Diálogo Inter-Religioso “Cuidar do Outro”, realizado no dia 3 de Outubro de 2018, na Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa.

É importante que, enquanto cristãos, pratiquemos os valores promotores da tolerância para com os outros, reconhecendo neles, independentemente da sua religião, irmãos que devemos amar e respeitar.

Fonte: agencia.ecclesia.pt
err.sapo.pt

POR CÁ

Clero açoriano reforçado com três sacerdotes com formação em Roma



O Seminário Diocesano de Angra e Ilhas dos Açores passa a contar, a partir do próximo ano académico, com dois novos doutores em Liturgia e Sagrada Escritura. Um dos mais jovens padres da diocese formou-se em Teologia Dogmática

Os três sacerdotes que estudavam em Roma vão regressar no próximo ano pastoral à diocese açoriana, depois de vários anos ausentes a cursar Liturgia, Sagrada Escritura e Teologia Dogmática.

De regresso aos Açores para leccionarem no Seminário de Angra estão os padres Jorge Ferreira, doutor em Liturgia pelo Pontifício Ateneu de Santo Anselmo, Teodoro Medeiros doutor em Sagrada Escritura pela Universidade Urbaniana de Roma e Pedro Lima, licenciado em Teologia Dogmática pela Pontifícia Universidade Gregoriana.

Há sete anos a estudar em Roma, o padre Jorge Ferreira é natural do Nor-

deste, tendo feito a sua formação no Seminário Episcopal de Angra e foi ordenado presbítero a 19 de Junho de 2005. Depois de ter exercido por um ano a missão de pároco in solidum na Graciosa foi enviado para São Miguel como pároco da Maia, Lomba da Maia e mais tarde Porto Formoso. Entretanto, foi Ouvidor de Fenais de Vera Cruz. Em Setembro de 2013 foi enviado a Roma para fazer estudos em Sagrada Liturgia, no Pontifício Instituto Litúrgico de Santo Anselmo. Desde Setembro de 2017 foi vice-reitor do Colégio Português, em Roma.

O padre Teodoro Medeiros, natural dos Arrifes, foi ordenado a 25 de Junho de 2000, por D. António de Sousa Braga e durante o seu percurso formou-se em Teologia e em Sagrada Escritura. De 1999 a 2002, foi professor de Educação Moral e Religiosa Católica na EB 2/3 de Arrifes, Ponta Delgada e entre 2006 e 2015 foi professor de Introdução ao Grego Clássico (2 semestres); Grego Bíblico; Língua e Cultura Hebraicas; Evangelhos Sinóticos; Escritos Sapienciais; Escritos Paulinos, no Seminário Episcopal de Angra.

Pedro Lima, natural das Angústias, ilha do Faial, padre desde Setembro de 2016, foi o primeiro seminarista ordenado por D. João Lavrador. Em Setembro de 2016, cumpriu o seu primeiro ano de sacerdócio numa colocação perto do Seminário como vigário paroquial da Conceição em Angra do Heroísmo. Desde 2017, e durante 3 anos, estudou Teologia Dogmática na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma.

POR LÁ

Lançado novo Diretório para a Catequese

Foi lançado um novo Diretório para a Catequese.

O presidente do Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização (Santa Sé) afirmou que o novo Diretório para a Catequese quer responder a “novos modelos de comunicação e de formação”: “A Igreja está diante de um grande desafio que se concentra na nova cultura com a qual se vai encontrando, a cultura digital. Centrar a atenção num fenómeno que se impõe como global obriga todos os que têm responsabilidade da formação a evitar subterfúgios”.

D. Rino Fisichella destacou que a cultura digital tem “um valor que sente os efeitos da globalização” e manifesta a “transformação radical dos comportamentos que incidem sobretudo na formação da identidade pessoal e nas relações interpessoais”.

Neste sentido, o arcebispo italiano falou de um “novo modelo de comunicação e de formação que toca inevitavelmente também a Igreja no complexo mundo da educação”.

O responsável sublinhou que a evangelização “ocupa o primeiro lugar na vida da Igreja”, pelo que a Catequese deve ser lida nesta chave, vindo em cada catequista “um genuíno evangelizador”.

“O coração da catequese é o anúncio da pessoa de Jesus Cristo, que ultrapassa os limites de espaço e de tempo para se apresentar a cada geração como a novidade oferecida para alcançar o sentido da vida. Nesta perspectiva, é indicada uma nota fundamental de que a catequese deve apropriar-se: a misericórdia”.

Segundo D. Rino Fisichella, é urgente

levar a cabo a “conversão pastoral” para libertar a catequese de “algumas armadilhas” que impedem a sua eficácia, a começar pelo “esquema escolar”, segundo o qual a catequese de iniciação cristã é vivida no paradigma da escola.

O responsável fala ainda de uma mentalidade que liga à Catequese à “recepção de um sacramento”.

O documento agora apresentado propõe uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã e do património de arte, literatura e música.

“Fazemos votos de que este novo Diretório para a Catequese possa servir verdadeiramente de ajuda e de apoio à renovação da catequese no processo único de evangelização que, desde há dois mil anos, a Igreja não se cansa de realizar, para que o mundo possa encontrar Jesus de Nazaré, o Filho de Deus feito homem para nossa salvação”, concluiu D. Rino Fisichella.

Em Portugal o novo documento orientador da Catequese vai ser editado pelo Secretariado Nacional da Educação Cristã, com apresentação da obra nas Jornadas Nacionais de Catequistas.



ENTRE NÓS...



Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso! Em tempo dos ditos santos populares nada melhor que um ditado, também ele popular, para descrever aquela que é uma das épocas mais festivas em todo o país. Dos martelinhos, alho-porro ou balões de papel do São João do Porto às marchas que vão colorindo e animando os bairros lisboetas, de norte a sul do país, as ruas, ano após ano, ganham cor, alegria e música desde o Santo António até ao São Pedro.

Nos Açores não é diferente, destacando-se, no São João, as Sanjoaninas da ilha

Terceira onde as marchas, sem arco e balão, e os desfiles animam as ruas de Angra, bem como as marchas, essas já com arco e balão, de Vila Franca do Campo; no São Pedro as Cavalhadas, secular tradição do Concelho da Ribeira Grande, também em São Miguel; e, pelo Santo António, no concelho da Lagoa, as marchas da freguesia de Santa Cruz.

Mesmo em terras em que as festividades não assumem uma dimensão tão grande, existe um conjunto de tradições que teima em persistir. A título pessoal, recordo-me, por exemplo, da preparação

da água de São João, a qual, ficando ao relento na noite de 23 para 24 de Junho e aromatizada com diversas ervas e flores, recebendo o sereno de São João, era utilizada, na manhã do dia deste santo, para lavar a cara e, no caso da minha freguesia, ditava a tradição, para ver o nosso reflexo na água, caso contrário, no ano seguinte, já não estaríamos aqui, nesta Terra, mas junto do Pai.

Todavia, no meio de tanta festa, será que ainda nos resta algum tempo para reflectir, meditar sobre os santos que se celebram por estes dias?

Ser cristão é também fazer festa, festa de comunidade, festa com os irmãos, não tivesse o próprio Jesus se manifestado, publicamente e pela primeira vez, na realização de um milagre, durante umas bodas, as de Caná da Galileia.

A fé não tem, nem deve ser vivida com tristeza ou sob opressão, aliás é motivo de festa e festa em abundância, contudo, a festa, em si, também não pode, nem deve ofuscar ou dissipar a nossa atenção do exemplo e testemunho de santidade e da fé de cada um dos Santos que são o motivo, primeiro e último, das comemorações destes dias.

Assim, e a este propósito, os Açores são, uma vez mais, exemplo de uma feliz associação entre a comemoração da vida e obra dos santos populares e a sua intrínseca ligação à verdadeira vivência da fé.

Refiro-me, pois, à ligação do culto ao Divino Espírito Santo com a comemoração das celebrações litúrgicas destes santos, nomeadamente São João e São Pedro. São inúmeras as freguesias em que se multiplicam os “impérios do Espírito Santo” dedicados a estes santos, também, populares. Aqui, os açorianos, na sua simplicidade e humildade demonstram a vivência sábia de uma fé profunda, uma vez que todos os santos, e em particular estes designados por populares, foram exemplo da obra do Espírito de Deus. Cada um deles foi animado pelo Espírito Santo, reflectindo, pelo seu testemunho de vida e de fé, a acção forte e decisiva de Deus.

Neste ano de 2020, no qual tudo é diferente e em que parece que somos convidados a viver tudo de forma mais profunda e calma, saibamos dar tempo e espaço nas nossas vidas à meditação, à oração procurando ver, ouvir, cheirar, degustar e sentir, para além das cores dos balões e arcos, das músicas e estalidos dos foguetes, do cheiro a manjerico, do sabor a sardinha assada e do calor das fogueiras, o verdadeiro e único sabor, cor, odor, som e calor do Espírito Santo de Deus, enquanto força que nos preenche de dons e anima toda a nossa vida de cristãos.

E viva Santo António, São João e São Pedro e viva o Espírito Santo!

Hélder Almeida